

MANIFESTOS SOCIAIS E COPA DAS CONFEDERAÇÕES NA COBERTURA DA FOLHA DE SÃO PAULO¹

Ivan Daniel Müller²
Lafaiete Luiz de Oliveira Junior³
Alessandra Fernandes Feltes⁴
Gustavo Roese Sanfelice⁵

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar e interpretar, a relação da Copa das Confederações/Brasil 2013 com os manifestos sociais ocorridos no país, e o viés adotado pela Folha de São Paulo na cobertura de tais eventos. Foi analisado o jornal Folha de São Paulo durante os dias 11 a 30 de junho de 2013. A partir da análise do jornal, chegamos as seguintes categorias: esporte resultado, esporte economia, publicidade, questões políticas e sociais e infraestrutura. Concluímos o jornal Folha de São Paulo durante a Copa das Confederações veiculou diversas reportagens esportivas atreladas ao contexto social que moldava o país e as manifestações.

Palavras-chave: Manifestações sociais; Copa das Confederações; Futebol

-
- 1 Projeto de pesquisa financiado pela FAPERGS.
 - 2 Licenciado em Educação Física pela Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo / Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: ivanmuller@feevale.br
 - 3 Graduando de Educação Física, Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo / Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lafaiete_junior@hotmail.com
 - 4 Graduanda de Educação Física, Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo / Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: alessandrafeltes@gmail.com
 - 5 Doutor em Ciências da Comunicação, Professor do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade FEEVALE. Novo Hamburgo / Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: sanfeliceg@feevale.br

INTRODUÇÃO

Em função do cenário esportivo brasileiro, que compreende dentre outros, a Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo de Futebol FIFA/2014 e os Jogos Olímpicos Rio/2016, a chamada década do esporte no Brasil (2007-2016), percebe-se a necessidade de investigar tais eventos a partir de um viés sociocultural. Neste entremeio, o campo das mídias entra como um deflagrador de sentidos e significados polimorfos, possibilitando assim discorrermos acerca dos temas citados, bem como analisarmos o próprio papel desempenhado por este campo, que, devido a sua grande influência e centralidade, permeia os demais campos.

Os eventos esportivos e suas condições, realizações e motivações, há muito presentes em nossa cultura ocidental, sempre estiveram associados ao período histórico vivenciado. Com o advento da globalização e a massificação de uma cultura global, tais eventos, sobretudo, os já tidos como mais importantes, Copa do Mundo de Futebol FIFA e os Jogos Olímpicos, passam a receber maior destaque midiático e maior abrangência mercadológica. Sendo necessário inclusive, se encontrar nova terminologia que definisse a proporção alcançada pelos mesmos. Conforme Tavares (2011) megaeventos, por sua grandiosidade ou significado, são competições internacionais que reúnem milhares de atletas em um espaço de tempo de um mês, com potencial de impacto em diferentes setores da sociedade e que possui significativa carga simbólica. Mezzaroba, Messa e Pires (2011, p. 27) também concordam que, os megaeventos

mobilizam diversos valores, sejam eles simbólicos, políticos, ideológicos ou econômicos “que se mesclam ao acontecimento esportivo em si, ampliando-o em suas significações para algo que extrapola em muito o campo esportivo, para instituir-se na pauta da dinâmica cultural mais ampla do país”. Não diferentemente de outras épocas, os tais megaeventos esportivos também andam em consonância com o momento histórico vivenciado e adequam seu funcionamento e modo de ser ao sistema político e econômico vigente na atualidade.

Conforme evidencia Sanfelice (2010), o campo esportivo tem cada vez mais uma dependência do campo político, econômico e midiático, visto que as estruturas dos campos sociais estão cada vez mais afeitas as experiências que configuram não somente um domínio próprio da experiência. Pires (2011) também deixa claro que a relação entre o chamado esporte de alto rendimento e a mídia já esteve referida em diversas áreas científicas, e que as associações entre os campos da mídia e do esporte tornam-se mais intensas à medida que a publicidade passa a perceber as vantagens de explorar diversos fatores que estão postos nesse processo.

O fato de desfrutar de bilhões de espectadores e transformarem-se, conforme define Mascarenhas (2008) momentaneamente no admirado centro das atenções em escala planetária, contribuiu decididamente na candidatura do Brasil para sediar tais eventos. O momento de possível ascensão econômica do país, que se apresentava devido ao esgotamento de mercado dos chamados países desenvolvidos, somados à crise econômica que rondava os EUA em meados de 2007, e a superação da desconfiança antes enfrentada pela chegada

de um partido de base sindicalista ao poder no país, foram decisivos, sem dúvida, para a escolha. Ainda conforme Mascarenhas, os megaeventos têm inquestionável poder de transformação sobre os espaços onde são realizados e resultam ainda em clara oportunidade para o novo modelo de planejamento e gestão das cidades, calcado na lógica do mercado. Logo, os megaeventos os quais o país almejou sediar, e assim o conseguiu, seguem a mesma lógica adotada pelo governo no enfrentamento à crise mundial, qual seja a lógica do mercado.

A Copa das Confederações, ainda que, segundo a definição de alguns autores, não se enquadre nos parâmetros de um megaevento, é sim um evento prévio, utilizado também pelo campo da mídia no agendamento da Copa do Mundo de Futebol FIFA, visto que, ocorre cerca de um ano antes da realização do evento principal. De certo modo, também têm servido para que a FIFA consiga, especialmente em se tratando de países não desenvolvidos, exercer através de uma relativa “pressão”, a cobrança para que os estádios que serão utilizados na Copa do Mundo, já estejam de certa forma “prontos”, ou encaminhados para a posterior realização da Copa.

A Copa das Confederações realizada no Brasil em 2013, não fugiria do esperado se não fosse por um motivo, de certa forma alheio as exigências da FIFA, que por sinal não são poucas, para com o país sede. Manifestações populares eclodiram por todo o Brasil, dias antes do início da realização do evento. Seguindo o rumo de movimentos sociais que haviam surgido mundo afora, conforme definiu Castells (2013) inicialmente no mundo árabe, e posteriormente em países europeus. Tais movimentos,

ainda segundo o autor, conectados em rede, se dispuseram contra governos que negligenciaram o gerenciamento da crise econômica na Europa e nos Estados Unidos e se colocaram ao lado das elites financeiras responsáveis pela crise, à custa de seus cidadãos.

Obviamente no Brasil, estas manifestações e movimentos, ainda que seguindo a lógica de estarem conectadas em rede e partirem da organização via redes sociais, tais quais os ocorridos em outros locais mundo afora, teve suas peculiaridades, adquiriu seus contornos próprios. A massa humana que se juntou aos movimentos, e perpassou a marca de um milhão de pessoas nas ruas em um só dia, clamou em suma por uma reforma política, por ética, justiça social, mas também não deixou de atacar entidades ligadas as elites financeiras mundiais. Multinacionais foram alvejadas, bancos especialmente estrangeiros, também frequentemente fizeram parte do cenário dos ataques, e dessa forma, a própria FIFA e a Copa das Confederações entraram no alvo das críticas.

A grande mídia, também por vezes alvo das manifestações, diferentemente de outras épocas, devido especialmente ao advento da internet e das redes sociais, não se viu permitida a negligenciar ou mesmo obscurecer os movimentos. Portanto, juntamente com as pautas voltadas à Copa das Confederações, a Folha de São Paulo, jornal de grande circulação nacional, passou a pautar as manifestações, e assim o fez de maneira peculiar. Sendo assim, objetivou-se neste texto: analisar e interpretar, a relação da Copa das Confederações Brasil 2013 com os manifestos sociais ocorridos no país, e o viés adotado pela Folha de São Paulo na cobertura de tais eventos.

Situação econômica e social brasileira que cercou a Copa das Confederações 2013

Conforme Damo (2012) houve grandes peculiaridades em relação à escolha do país enquanto sede da Copa do Mundo de Futebol FIFA, e que obviamente, esse processo se diferenciou ainda do procedimento de escolha da cidade do Rio de Janeiro, como sede dos Jogos Olímpicos de 2016. Sobre tudo, o autor identifica o quão extravagante é o fato de um país como o Brasil, carregado de problemas sociais dos mais diversos, sediar em tão curto espaço de tempo, dois megaeventos, sabendo-se notadamente, que o país terá de onerar muito dinheiro público para setores que estão longe de serem os de maior carência e prioridade.

O fato é que, sob o ponto de vista dos governantes, tornar-se sede dos dois maiores eventos esportivos do planeta, além de mostrar o Brasil ao mundo e enveredar pelo mesmo rumo econômico adotado por demais países emergentes, implica fazer ver a todos, inclusive a nós brasileiros, que somos capazes de realizar nossos projetos da maneira correta, com êxito, na tentativa de exorcizar de vez a alcunha do “complexo de vira-lata”, que conforme Nelson Rodrigues (1958) estava presente, sobretudo no futebol, mas também se fazia verdade em tantas outras áreas.

Foi pelo menos dentro dessa lógica, a maior exigência feita pela FIFA durante o anúncio do país como sendo sede da Copa do Mundo de 2014. Conforme relata Damo (2012), Joseph Blatter com dedo em riste pronunciou que: “O comitê executivo da FIFA decidiu dar a responsabilidade, não só o direito, mas a responsabilidade de organizar a Copa Mundial da FIFA de

Futebol 2014 ao Brasil”, ou seja, ficou evidenciado nos próprios discursos, tanto do comitê organizador da FIFA, quanto de seus dirigentes, e também durante a fala posterior ao anúncio, do então presidente Lula, que o Estado brasileiro assumiria a responsabilidade pelo “dar certo” a Copa do Mundo FIFA, ainda que, conforme o próprio nome relata, tratar-se há de um evento particular, teoricamente organizado por uma entidade privada, qual seja, a própria FIFA.

Obviamente, a escolha desse caminho na visão do então governo Lula, que vai desde a candidatura do país para sediar eventos de tal porte, até o papel de aceitar as duras exigências feitas pela FIFA, especialmente por tratar-se de um país não desenvolvido, passou pelo ideal de seguir os trilhos econômicos dos demais países tidos como potências mundiais, para um modelo econômico que conforme Castells (2013) está centrado no crescimento a qualquer custo, modelo neodesenvolvimentista como o Chinês e tantos outros, que enveredam por um caminho autodestrutivo com o objetivo de sair da pobreza.

No contexto da globalização econômica, David Harvey também evidencia em *A Produção Capitalista do Espaço*, que a lógica adotada pelo governo brasileiro não está diferente da dos demais países envolvidos nesse mesmo contexto.

Nos anos recentes, em particular, parece haver um consenso geral emergindo em todo mundo capitalista avançado: os benefícios positivos são obtidos pelas cidades que adotam uma postura empreendedora em relação ao desenvolvimento econômico. Digno de nota é que esse consenso, aparentemente, difunde-se nas fronteiras nacionais e mesmo nos partidos políticos e nas ideologias (HARVEY, 2005, p. 167).

Ainda conforme uma analogia do autor, devido ao fato de o Comitê Olímpico Internacional (COI) e da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) disporem de eventos, que podem ser considerados como tipos especiais de mercadorias culturais, lhes permite um poder monopolista e o direito de tirar vantagens na negociação com os países interessados em receber tais eventos.

Segundo Ribeiro e Santos Junior (2013) surge no Brasil, sendo que os megaeventos têm papel crucial nesse sentido, uma nova forma de padrão de governo nas cidades, fundado na governança empreendedora e aprofundamento da mercantilização das cidades. Conforme os autores, esse fato nasce devido ao ciclo de estabilidade e prosperidade econômica apresentada pelo país, combinado com a existência de ativos urbanos passíveis de serem espoliados e integrados aos circuitos de valorização financeira internacionalizados, que contrariam dessa forma, a lógica de regular as forças de mercado para torná-las compatíveis com a promoção do direito a cidade. Dentro do exposto, os autores apontam o fato de o Brasil estar vivenciando um momento, em que o Estado intervém fortemente na economia, sob a hegemonia do capital financeiro internacional e nacional e sua lógica, em um padrão que poderia ser definido como Keynesianismo neoliberal.

Portanto, dentro da lógica econômica proposta pelo governo brasileiro, as cobranças impostas pela FIFA, mesmo que nos pareçam exageradas, não se mostram absurdas ao contexto mundial, ainda que, ficasse evidenciado que gastos públicos iriam se fazer necessários em áreas de pouca, relativa, ou nenhuma necessidade, como a construção de estádios de futebol por

exemplo, o governo acatou as condições e imposições elegidas por essa entidade internacional privada. Obviamente, o governo tratou logo de focar a atenção, desde o princípio das negociações, no dito “legado” que seria deixado pelos megaeventos no país, e para isso, contou com uma grande aliada interessada em todo esse processo, a grande mídia. Conforme aponta Sanfelice (2010, p. 140):

A globalização faz com que o campo dos meios se torne dependente dos demais campos. O campo econômico e político têm uma relação, estabelecendo os ganhos financeiros, sendo estes que os sustentam. Sem uma economia forte todos perdem. O desenvolvimento da mídia está diretamente relacionado com o econômico e tecnológico, sendo que estes estão diretamente relacionados com os aspectos formativos do homem contemporâneo.

Já Esteves (1998) destaca que os campos sociais, para firmarem seus objetivos e interesses, recorrem ao campo dos meios. Sendo assim, percebe-se interesse em ambas as partes, tanto da mídia, quanto do governo e da iniciativa privada, em valorizar as ações voltadas a candidatura, à afirmação dos legados que serão deixados, e ao agendamento dos megaeventos esportivos no âmbito Brasileiro.

Conforme alertado por Domingues, Betarelli Junior e Magalhães (2011) é muito provável que o Brasil passe a ter visibilidade em função da realização desses megaeventos esportivos, porém, difícil é mensurar os benefícios econômicos que os mesmos trarão, visto que estes envolvem obras de infraestrutura urbana, reformas/construção de estádios, fluxos turísticos, etc. Ainda segundo os autores, ao citarem Barclay (2009),

Madden (2006) e Porter (1999), alertam para o fato de que geralmente os organizadores de tais eventos, costumam dimensionar e divulgar saldos positivos em relação aos investimentos realizados:

A metodologia mais frequentemente utilizada nos estudos de impactos de eventos esportivos é a análise de insumo-produto, que pode estimar os efeitos diretos e indiretos desses eventos na economia. Alguns autores consideram, entretanto, que os efeitos multiplicadores obtidos superestimam os efeitos reais, pois a metodologia utiliza hipóteses de oferta ilimitada de fatores de produção, não lida com os efeitos de substituição nem custos de oportunidade. Além disso, haja vista que os multiplicadores estão baseados numa estrutura de produção vigente da economia, não capta as mudanças que a realização do evento esportivo pode provocar nas relações produtivas. Existem também casos em que o método de insumo-produto não é capaz de captar certos vazamentos durante o evento esportivo (e.g. lucros ganhos pelo evento pode não fluir para a economia local, mas para os acionistas estrangeiros) (DOMINGUES, BETARELLI JUNIOR E MAGALHÃES, 2011, p. 3).

Quando se trata de justificar a importância da condição conquistada pelo Brasil com o direito de sediar esses eventos esportivos, Pires (2011) destaca que são exaltadas as possibilidades de melhorias gerais na infraestrutura do país, aeroportos, mobilidade urbana, hospedagem, serviços, turismo, etc. Porém, o autor alerta para o fato de que impactos econômicos diferem-se de legados econômicos, visto que os primeiros, são benefícios de curto prazo,

ligados a números de empregos em obras de infraestrutura e na realização dos jogos, por exemplo, e os segundos, são benefícios de longo prazo, e que portanto, são difíceis de serem mensurados.

A Copa das Confederações, conforme já apontado, além de servir de agendamento midiático para a Copa do Mundo de Futebol, serve também como um referencial para a FIFA verificar o andamento das obras, mais objetivamente, as ligadas à construção dos estádios. Se em 2010 a projeção de gastos públicos para com a Copa do Mundo era de R\$ 10,1 Bilhões, segundo apontam Domingues, Betarelli Junior e Magalhães (2011) seguindo dados fornecidos pelo Ministério do Esporte, em 2013 esse gasto está orçado em cerca de R\$ 33 Bilhões conforme dados divulgados pela própria Folha de São Paulo⁶, fazendo referências a outros dados, também divulgados pelo Ministério do Esporte. Apesar do atraso de diversas obras, os estádios de futebol estão entre as primeiras a serem concluídas, sendo que várias outras, principalmente as ligadas à mobilidade urbana, estão ainda mais atrasadas, ocorrendo que muitas, sequer ficarão prontas para o período em que irá ocorrer a Copa do Mundo.

Domingues, Betarelli Junior e Magalhães (2011) buscando referência em diversos autores, aponta que não foram encontradas correlação na construção de estádios esportivos e desenvolvimento econômico regional, bem como, em uma análise da Copa do Mundo 2006 na Alemanha percebeu-se que as expectativas estavam sobrevalorizadas e que os custos de infraestrutura e promoção foram significativos.

6 Site Folha de São Paulo: <http://folha.com/no1297264> (acesso em 23/09/2013 às 15:20hs)

À parte a Copa das Confederações, mas também nem tão alheia a ela e ao seu contexto geral, em 11 de Junho, dias antes ao início da competição, um movimento organizado via rede social, intitulado Movimento Passe Livre (MPL), seguindo ao que já havia acontecido em Porto Alegre e Rio de Janeiro, com aproximadamente 11 mil pessoas, se deslocou à Avenida Paulista, para protestar contra o reajuste da tarifa do transporte público decretado pelo prefeito Fernando Haddad e pelo governador Geraldo Alckmin dias antes. Houve depredação de patrimônios públicos e privados.

A abordagem relativa à Copa das Confederações e a própria Copa do Mundo 2014 passaram, portanto, a partir do ocorrido, a serem pautadas de maneira diferente, visto que a opinião pública se mostrou bastante descontente com as exigências feitas pela FIFA, especialmente no que se refere aos estádios de futebol. Tal descontentamento se mostrou muito consistente nos protestos e nas manifestações, que se intensificaram durante a Copa das Confederações e que tomaram inclusive, o entorno de diversos estádios de futebol, antes e depois da realização dos jogos do evento. A seguir evidenciamos alguns dados relativos a análise do Jornal Folha de São Paulo à partir do dia 12 de Junho, dia que sucedeu as primeiras manifestações de maior porte em São Paulo e durante o período que compreendeu a Copa das Confederações 2013.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva/quantitativa/qualitativa, tendo como *corpus* o jornal Folha de São

Paulo analisado durante os dias 11 de junho ao dia 1 de julho em todo o seu exemplar, categorizando a cobertura da Copa das Confederações/2013. Foram analisadas 21 edições do jornal, contemplando todos seus cadernos, considerando como unidade de significados (Bardin, 2011) textos, imagens, publicidade, editoriais, painéis, matérias, títulos, linha de apoio e outros canais, aproximando-se das seguintes categorias:

- 1) **Esporte resultado:** representa aspectos relativos a disputa do esporte em si, considerando aspectos técnicos, táticos e físicos.
- 2) **Esporte economia:** representa o esporte enquanto negócio, discutindo investimentos, patrocinadores, licitações e despesas relativas ao futebol/ Copa do Mundo e Copa das Confederações.
- 3) **Esporte infraestrutura:** apresenta aspectos relativos a criação, restauração e aumento de aeroportos, estádios, vias, hotéis, como demanda de verba, financiamento, projetos de reforma ou de construção, etc. para a Copa das Confederações e Copa do Mundo de futebol.
- 4) **Questões políticas e sociais:** apresenta aspectos relativos a política e manifestações sociais ocorridas no Brasil, vinculadas a Copa das Confederações e Copa do Mundo de Futebol.
- 5) **Publicidade:** retrata as publicidades veiculadas nos jornais com motivação da Copa das Confederações ou Copa do Mundo de Futebol e desmembra-se nos financiadores do evento esportivo e também dos apoiadores da Folha de São Paulo.

Os dados foram apresentados através da estatística descritiva representado por percentuais e analisados qualitativamente conforme descrição abaixo.

As peculiaridades relativas à cobertura midiática da Copa das Confederações 2013 por conta do Jornal Folha de São Paulo

O Movimento Passe Livre (MPL) havia agendado nova manifestação para o dia 13 de Junho, dois dias após levarem aproximadamente 11 mil pessoas à Avenida Paulista. O Jornal Folha de São Paulo trouxe em seu editorial, do dia 13 de Junho, frente a percepção de que novas manifestações ocorreriam, uma cobrança quanto a uma intervenção mais enérgica por parte do Estado, intitulado “Retomar a Paulista”. Desse modo, o governo de São Paulo aciona a tropa de choque da polícia militar determinando que os manifestantes não cheguem até a Avenida Paulista. Com o avanço dos manifestantes, inicia-se confrontos, onde a polícia utiliza-se de disparos de bala de borracha e gás lacrimogênio. Centenas de pessoas são gravemente feridas, e entre elas, jornalistas. Sem perceber, estava dado o estopim para que, através das redes sociais, onde os acontecimentos foram resignificados, diversas manifestações fossem agendadas país afora em solidariedade ao Movimento Passe Livre de São Paulo e contrários a demasiada opressão policial.

Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e

foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades (CASTELLS, 2013, p. 178).

A Folha de São Paulo, conforme também apontado por Pires (2011), citando inclusive demais autores nacionais, apresenta boas análises críticas em relação às questões políticas e sociais, econômicas e políticas que se relacionam aos eventos esportivos e se apresenta bastante imparcial e rigorosa na exposição dos fatos relativos a esses eventos.

Inicialmente, frente à eclosão das manifestações na cidade de São Paulo, por parte do Movimento Passe Livre, o Jornal Folha de São Paulo optou por adotar uma postura um tanto quanto conservadora, condenando a ação dos protestos e solicitando uma repressão maior por parte da polícia, em relação ao mesmo, conforme denuncia o editorial do dia 13 de Junho. Tal postura se modificou claramente após os atos de utilização excessiva de poder coercitivo por parte da polícia, fato que inclusive resultou em centenas de pessoas feridas, dentre elas, jornalistas da própria Folha. No editorial do dia 14, um dia após clamar por atitudes mais enérgicas do estado, a Folha declara ser necessário sabermos conviver com protestos, e que os mesmos tonificam a democracia.

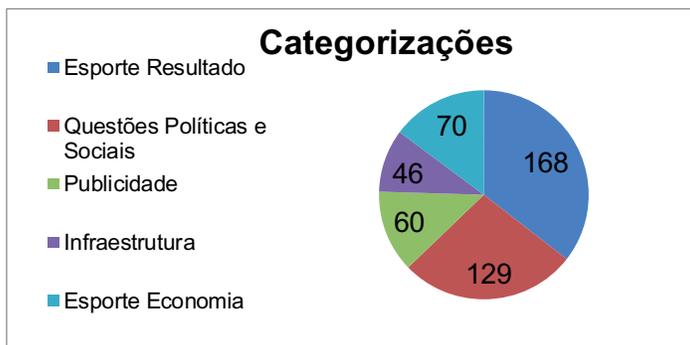
Dois motivos para tal mudança se apresentam como mais coerentes e possíveis de serem verificados, sendo que o primeiro inclui o fato de que o próprio jornal e mais especificadamente seus jornalistas, tenham sido vítimas dos abusos policiais que foram exorbitantes e descabidos. Logo, não há como se colocar defensor de uma postura abusiva, que sequer respeita o direito da cobertura midiática, que muito

provavelmente estava lá, para condenar as manifestações e defender a ação policial, conforme se evidenciou nas próprias opiniões dos leitores da Folha no dia 13 de Junho (caderno principal, seção opinião), que criticavam duramente o fato do Jornal tratar os manifestos com muita hipocrisia.

Como segundo motivo, podemos ressaltar o fato social desempenhado pelas redes, e mais especificadamente as redes sociais via internet e também pelas demais mídias alternativas, que davam ampla cobertura aos acontecimentos ocorridos, impossibilitando qualquer mascaramento por parte de qualquer mídia que assim o pretendesse. A própria opinião dos leitores antes citada, embora por vezes também demonstrada conservadora, em sua maioria clamava por uma cobertura imparcial, e que, sobretudo não classificasse os manifestantes simplesmente como vândalos. Prontamente, era necessário, a um Jornal do calibre e importância da Folha de São Paulo, que preze pela imparcialidade e rigor na exposição dos fatos, erradicar a postura reacionária do editorial do dia 13 de Junho,

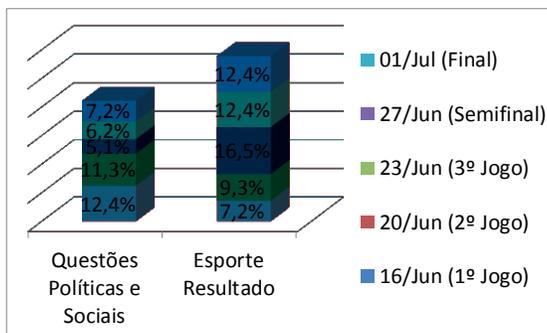
e, no dia seguinte, exibir um editorial que destacasse a importância dos manifestos frente a um país que se preze, democrático.

De maneira geral, a cobertura midiática em relação aos megaeventos e mais especificadamente em relação à Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014, antes do início da Copa das Confederações, centrava suas reportagens em questões ligadas especialmente aos legados econômicos, questões de infraestrutura, e construção dos estádios de futebol, sendo que, não diferentemente de outras mídias, com o início da competição, a Folha de São Paulo passou a centrar sua atenção e suas reportagens em relação ao esporte na questão desempenho e resultados, obviamente em sua maioria ligados a Seleção Brasileira de Futebol. Conforme aponta Guazelli (2010) atualmente é indiscutível a identificação do futebol como o esporte mais popular do Brasil, e a Seleção Brasileira de Futebol como a representação máxima da identidade nacional, logo, visualiza-se a percepção que as mídias e os veículos de comunicação têm desses fatos, e a maneira como se utilizam os mesmos.



No gráfico acima, sob a análise que compreendeu o período em que ocorreu a Copa das Confederações 2013 e também as manifestações sociais ocorridas a partir do dia 12 de Junho de 2013, observamos que 168 inferências no Jornal Folha de São Paulo foram da categoria Esporte Resultado, 129 estiveram atreladas as Questões Políticas e Sociais, 70 ligadas ao Esporte Economia, 60 foram de publicidade e outras 46 fazem referência a Infraestrutura, evidenciando a importância dada ao Esporte Resultado durante o período que compreendeu as manifestações sociais mais intensas no país, e a Copa das Confederações.

Ao longo da competição, diversas foram as reportagens voltadas às questões políticas e sociais, sendo que, muitas das reportagens esportivas inclusive, estavam atreladas ao contexto social. Mas, o que surpreende é o fato de que o desempenho em campo por parte da Seleção Brasileira de Futebol ao longo da competição começou a receber destaque maior com o avanço às fases finais e, sobretudo, a oportunidade do Brasil sagrar-se campeão, em oposição às questões políticas e sociais.



O gráfico acima expõe o percentual das reportagens do Jornal Folha de São Paulo e o foco das mesmas nos dias posteriores aos jogos da Seleção Brasileira de futebol durante a Copa das Confederações. Percebe-se que, posteriormente aos jogos iniciais da Seleção e o então início da superação de desconfiança que havia em torno do rendimento da equipe, a cobertura em relação às Questões Políticas e Sociais se mostrava maior que as relacionadas ao Esporte Resultado. Porém, a partir do terceiro jogo, a cobertura jornalística começou a dar ampla ênfase às questões ligadas ao

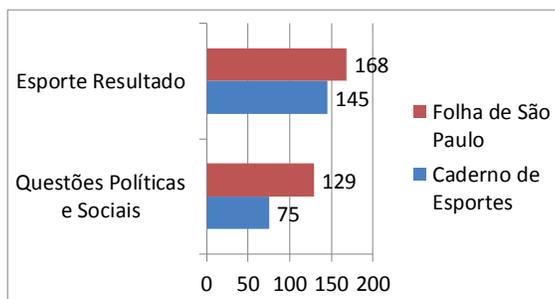
Esporte Resultado, embora as manifestações, continuavam se mostrando extremamente relevantes, sobretudo nos arredores dos estádios que sediavam os jogos finais da competição e da Seleção Brasileira.

Portanto, de forma geral, embora vivenciando um período único na história do país, ligado a manifestações sociais, sobretudo conectadas e organizadas via redes, tanto o Jornal como um todo, quanto o caderno de esportes obviamente, centraram suas reportagens nas questões ligadas ao Esporte Resultado.

Por ser um mediador de disputas entre os diversos campos sociais, o campo dos media apresenta-se como sendo de suma importância, e em função disso, conforme aponta Rodrigues (2000), os demais campos tornam-se coautores de sua própria história, muitas vezes regida pela lógica midiática, que, deriva sentidos aos mais diversos campos sociais.

Segundo o autor, por esse campo funcionar de maneira contínua, ele confunde-se até mesmo com o pulsar da vida

social. O próprio campo tem a capacidade de acelerar e desacelerar o seu funcionamento e o de outras instituições a partir da mediação simbólica, quando este se vê ameaçado por qualquer desordem. Essa aceleração ou desaceleração dos campos é fruto das construções discursivas do campo dos media. Ao tematizar determinado acontecimento, e conseqüentemente enquadrá-lo, o campo midiático oferta-se como um “termômetro social”.



Acima identificamos que, tanto o Caderno de Esportes quanto o Jornal como um todo, ofereceram maior cobertura em relação ao Esporte Resultado em detrimento das Questões Políticas e Sociais durante o período que compreendeu o início das maiores manifestações no país e a Copa das Confederações.

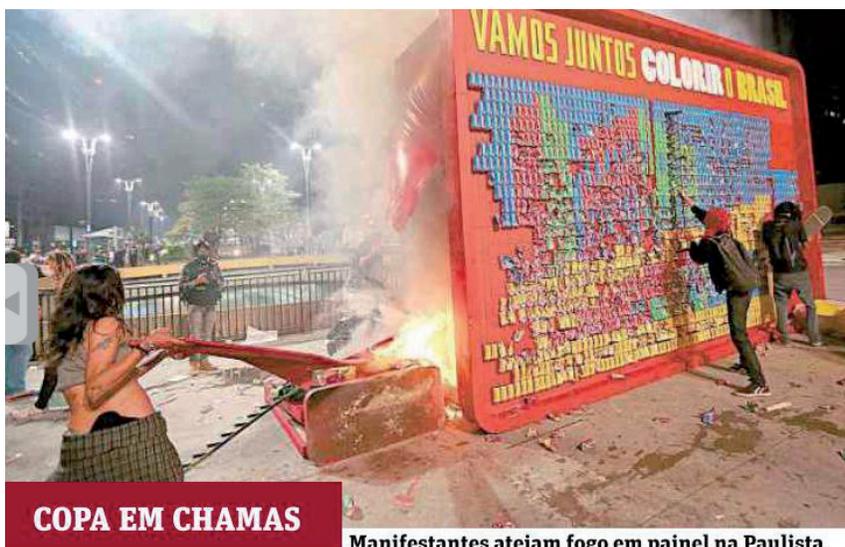
Fato é que, as diversas manifestações Brasil a fora, e o número massivo de pessoas participantes mostrando seu descontentamento frente a diversos problemas políticos e sociais enfrentados em nosso país, obrigou as mídias de forma geral, a modificarem suas formas habituais de cobertura relativa a um evento semelhante à Copa das Confederações, ainda que a Folha, assim o fez de forma sutil conforme evidenciaram os dados coletados. Embora

Esteves (1998) defina que, a autonomia do campo dos media está relacionada à palavra pública, e que tal campo legitima-se da sua dupla vertente de informar e ser informada, e que com base nesse escoramento social é que se verifica a autonomização e a consolidação do campo dos media, percebemos que o assunto de maior relevância para o público leitor, não foi o que recebeu maior destaque midiático.

Segundo demonstrado pela própria Folha, durante o período em que ocorreu a Copa das Confederações, o assunto mais comentado pelos leitores e de maior interesse durante tais semanas, mensurados através de mensagens enviadas ao Jornal e expostas em percentagem no painel do leitor, foram sempre às manifestações ou assuntos políticos ligados as mesmas.

Percebe-se, ainda, o lado ambíguo que o próprio futebol possui em relação aquilo que costumeiramente define-se como sendo sua identidade, pois, se por um lado, tal esporte é denunciado, principalmente pelos não adeptos do futebol, como sendo alienante e refúgio para esconder as mazelas do país, ou como meio político utilizado para enaltecer nosso ego e amordaçar

nossas desgraças, como nos famosos espetáculos de pão e circo da era romana, por outro, se mostrou propulsor de reivindicações na maioria dos manifestos que tomaram o país, sendo a entidade FIFA e demais multinacionais voltadas ao patrocínio da mesma, extremamente criticados, conforme evidencia a foto do Caderno Cotidiano do dia de 19 de Junho:



COPA EM CHAMAS

Manifestantes ateam fogo em painel na Paulista

Fonte: Folha de São Paulo - dia 19/06/2013.

Conforme aponta a imagem, manifestantes deprezam painel ligado ao agendamento da Copa do Mundo de Futebol 2014 no Brasil. Em relação à mídia, o espaço definido, o viés adotado e a significação das reportagens em relação ao assunto é que irão definir essa possibilidade de junção entre o futebol e a conscientização política. Sendo que, embora se ressaltou durante a Copa das Confederações diversas reportagens esportivas atreladas ao contexto social que moldava o país e as manifestações, também

ficou claro, conforme antes já descrito, que a maioria das reportagens da Folha de São Paulo, contrariando inclusive a maioria da opinião dos leitores, se voltou a destacar o esporte resultado e não as questões políticas e sociais. Podemos atrelar ainda, não como maneira de forjar uma identidade ao futebol, mas calcado nas observações empíricas, que o desempenho favorável da Seleção Brasileira em um momento em que não se esperava isso da mesma contribuiu para delinear o caminho adotado pela mídia.



Conforme aponta Sanfelice (2010), O sujeito tem nas construções simbólicas realizadas pelo campo midiático uma forma de tomar conhecimento do mundo e dos significados que são evanescentes. Embora o campo midiático estivesse ofertando maior relevância a Copa das Confederações, isso não diminuiu em si o ímpeto adotado pelos manifestantes, que se evidenciou nos arredores dos campos de futebol que sediaram os jogos finais da competição, com manifestações fortes, contidas através da força coercitiva do Estado. O gráfico acima evidencia que, em quatro edições apenas, durante todo o período da Copa das Confederações, as reportagens de cunho social estiveram em maior número que as reportagens ligadas ao esporte resultado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a abordagem midiática inicial dava conta de expor as vantagens e os legados que seriam decorrentes do fato de o país sediar tais Megaeventos, foi principalmente a partir da eclosão das manifestações e da importância que as mesmas adquiriram frente à nação como um todo, que se modificou mais profundamente tal divulgação em relação a esses eventos. Especialmente no que

se refere à Copa do Mundo FIFA, e a clara intencionalidade da mídia em evidenciar o tamanho dos gastos públicos, sobretudo os utilizados na construção de estádios, e no atraso das obras de infraestrutura das cidades, as quais seriam de fato, os maiores legados econômicos deixados no país.

Ainda que, durante o período da Copa das Confederações, por diversas vezes as reportagens de cunho esportivo foram permeadas por questões sociais e políticas, dessa forma vinculando o assunto futebol as manifestações populares que eclodiram no país, também se evidenciou pelo número de reportagens voltadas ao esporte resultado, que a Folha de São Paulo claramente preferiu rumar e apontar o foco principal do Jornal a competição em si, deixando em segundo plano as manifestações populares, em oposição a predominância de interesse da população, fato que se evidenciou através das mensagens enviadas ao jornal e expostas no caderno painel do leitor, inclusive com percentagens ilustradas nas edições dominicais.

Válido reiterar, conforme bem exposto por Castells (2013), a importância das redes sociais não só como forma de organização dos movimentos que de lá, eclodiram para as ruas, mas pela quase imperceptível imposição e direcionamento que a mesma

oferece aos meios de mídia mais tradicionais, como no caso em questão, do Jornal, que já não pode simplesmente obscurecer fatos, ou fingir que nada está acontecendo.

Como forma de responder sutilmente aos movimentos que ocorreram no país, onde diversas vezes o nome da instituição apareceu sendo veiculada há práticas lucrativas e sinônimo de dinheiro público mal investido, a própria FIFA com um comunicado oficial, anunciou posteriormente que para a Copa do Mundo no Brasil em 2014, os ingressos terão os valores mais populares de toda a história das Copas.

Fica o alerta, portanto, de que os Megaeventos que se realizarão dentro em breve no país, também poderão servir de fagulha para que novamente se acenda a chama da conscientização política e social do povo brasileiro, e da necessidade de se reivindicar em massa, para que as mudanças efetivamente aconteçam. Pode que, os legados econômicos, antes prometidos, sequer sejam cumpridos. Pode que o investimento, antes tido como de boa parcela por parte da iniciativa privada, seja na verdade, em sua maioria um investimento público, e que, diferentemente do que a sociedade brasileira clamava, tais investimentos estejam longe de serem feitos nas áreas de maior carência social, e que por sinal, sejam em sua maioria investidos em estádios de futebol. Pode ainda, que alguns desses estádios, sequer conseguirão suprir com as despesas que as estruturas dos mesmos irão requerer em um período pós Copa, sendo assim designados elefantes brancos.

Isso tudo não deveria, mas ainda está dentro do tolerável para um país que trilha os rumos do modelo neodesenvolvimentista, e conforme já descrito, segundo Castells (2013), enveredam por um caminho

autodestrutivo com o objetivo de sair da pobreza. Afora todo esse despautério, se os Megaeventos no país, suscitarem consigo os gritos de clamores há muito tempo estancados do povo brasileiro, embora longe de deixarem um legado econômico, deixarão no Brasil justamente em sua antítese, na comprovação de que não fazem cumprir aquilo que prometem, um legado social, afinal, aprendemos a sair de casa para, se não contê-los, pelo menos demonstrar descontentamento, se não para transformar efetivamente o Brasil em um país melhor, ao menos tentar fazê-lo, pois, sofrer calado frente aos absurdos cometidos pelos nossos ilustres representantes, temos certeza que todo o povo brasileiro já está farto, falta o grito, o estopim e a luta para que futuramente se efetivem mudanças.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DAMO, A. S. O desejo, o direito e o dever – A trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Revista Movimento**, Porto Alegre, 2012; 18 (2): 39-67.
- DOMINGUES, E. P.; BETARELLI JUNIOR, A. A.; MAGALHÃES, A. S. Quanto Vale o Show? Impactos Econômicos dos Investimentos da Copa do Mundo 2014 no Brasil. **Estudos Econômicos**, São Paulo, 2011: 41(2): 409-439.
- ESTEVES, J. P. **A ética da comunicação e os media modernos**: legitimidade e poder nas sociedades complexas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

- GUZZELLI, C. A. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Revista Aurora (Revista de Arte, Mídia e Política)**. São Paulo, 2010; n. 9, p. 84-103.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- MASCARENHAS, F. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami. **Revista Movimento**, Porto Alegre, 2012; 18 (1): 39-67.
- MEZZAROBBA, C.; MESSA, F.; PIRES, G. L. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. In: PIRES, G. L. (Org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**: registros de agendamento para 2014 na cobertura da midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.
- PIRES, G. L. (org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**: registros de agendamento para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul – Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.
- RIBEIRO, L. C. Q.; SANTOS JUNIOR, O. A. Governança empreendedorista e megaeventos esportivos: reflexões em torno da experiência brasileira. **Revista O social em questão**, ano 16, n. 29, PUC, Rio de Janeiro, 2013.
- RODRIGUES, N. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 51- 52.
- RODRIGUES, A. D. A emergência dos campos sociais. In: REVAN, R. S. (org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Teresina: UFPI, 2000.
- SANFELICE, G. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Campinas, 2010, 31 (2): 137-153.
- SILVA, J. Segurança em Megaeventos Esportivos. In Da COSTA, L.P. (Org.) **Atlas do Esporte no Brasil** (versão digital), Porto Alegre: CREF2, 2006, p. 20.17 – 20. Disponível em <http://www.atlasesportebrazil.org.br/textos/161.pdf>, acessado em agosto 2013.
- TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, 2012, 17 (3): 11-35.

DEMONSTRATIONS AND CONFEDERATIONS CUP COVERAGE ON FOLHA DE SÃO PAULO

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze and interpret the relation of 2013 Confederations Cup in Brazil with the demonstrations which happened in the country, and the bias adopted by Folha de São Paulo in the coverage of such events. The newspaper Folha de São Paulo's issues from 11 to 30 July, 2013 were analyzed. From the newspaper's analysis, we have obtained the following categories: sport result, sport economy, publicity, social issues and infrastructure. We have reached the conclusion that the newspaper Folha de São Paulo has published various sports reports connected with the social context which molded the country and the demonstrations.

Keywords: Demonstrations; Confederations Cup; Football.

Recebido em: outubro/2013
Aprovado em: novembro/2013